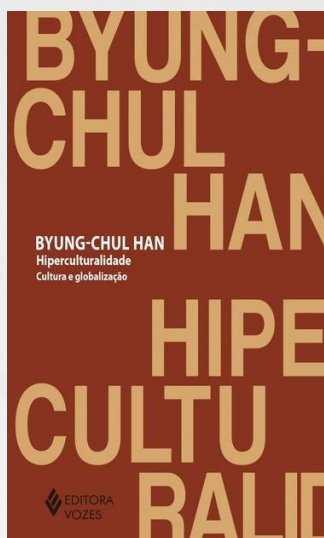


RESENHA
**Hiperculturalidade:
cultura e globalização**

Diogo Teixeira¹
Universidade Candido Mendes



HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petrópolis: Vozes, 2019.

TEIXEIRA, Diogo. **Hiperculturalidade: cultura e globalização (Resenha)**.
Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 8 (18): 287-292, setembro a
dezembro de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (2013) e Pós-Graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (2015). Atualmente é discente em Direito pela Universidade Candido Mendes.

Em *Hiperculturalidade: cultura e globalização*, Byung Chul-Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha e que ficou bastante conhecido após a sua primeira obra publicada, *Sociedade do Cansaço*, adentra na temáticas atuais da fragmentação da cultura e da celeridade ascendente das formas de comunicação e assimilação do mundo via globalização. Desde o início, fica marcado que a abordagem do filósofo será, para com esses conceitos, disruptiva de certa forma, pois, para ele, é manifesto o processo de fragmentação da cultura, potencializado pela aceleração da comunicação e por consequente “hiperdinamização” do espaço de convivência humana. Segundo ele próprio indica, “o processo de globalização acelera com as novas tecnologias, ‘dis-tanciando’ o espaço cultural” (:23).

É também sobre essa dialética paradoxal envolvendo a aparente aproximação comunicacional (no tempo) e a sensação de erupção do local (no espaço) que Han desenvolve os seus argumentos. A citação acerca do “Turista de camisa havaiana”, prólogo da obra, é provocativa ao atribuir-lhe, simbolicamente, a responsabilidade pelo fim da cultura como se conhece hodiernamente. Ao não chegar de modo definitivo a lugar nenhum, o turista de camisa havaiana está em todos os lugares ao mesmo tempo, sendo um ator, portanto, da “desfactização” da existência (:31), tão desconhecida ao modo cultural tradicional.

No primeiro capítulo, “Cultura como pátria”, Han rememora Hegel na ênfase da importância do estrangeiro para a constituição da cultura grega e da estranheza que este elemento implicava à vida do local. A congregação dos elementos nativo e estranho teriam formado o espírito do grego antigo em sua forma de vida verdadeira e bela. Contudo, Han sinaliza que o mesmo estrangeiro, em Hegel, também é denegado na concepção eurocêntrica de pátria, ao atribuir à Europa a capacidade de autossatisfação cultural (:15). Herder também é enfático ao afirmar que o continente europeu tendia a absolutizar sua perspectiva relativa, tendo sido o estrangeiro uma “já doença” e estranho à felicidade nacional (:16). Han questiona, então, se atualmente não estaríamos nos afastando dessa realidade eurocêntrica de felicidade, ao passo que nos aproximamos do turista de camisa havaiana e de sua vontade incessante de apropriar do estrangeiro, não como doença, mas como experiência.

“Hipertexto e hipercultura” trará a ideia da profunda interligação característica da cultura de rede atual. O emaranhado complexo e interligado da rede cultural é muito díspar se comparado à linearidade da cultura tradicional. A justaposição da rede em nada remete à textualidade temporal da forma cultural pré-globalista. Para Han, a hipercultura, desprovida de referências locais, levará ao “fundamentalismo do lugar” (:25), uma espécie de “remitologização” fundamental frente ao desconhecido. Já no capítulo “Eros da Conexão”, Han reter-se-á no conceito de tempo. Hoje, o tempo seria desprovido do mítico e do histórico, onde há clareza e imobilidade; desprovido de horizonte. Ao revés, vivenciamos o tempo do “universo-bit”, atômico, portanto, impreciso e inconstante. Mas, em seu caos, há aparência de possibilidades, portanto de liberdades, estando “o futuro em

qualquer lugar para onde eu me virar” (:28). É interessante a correlação feita por Han entre o “projeto”, *entwurf*, e o “ser-projetado”, *entworfenheit*, porquanto ainda que o excesso de possibilidades forme este, dificulta a conclusão daquele, isto pela própria saturação resultante do excesso. É exatamente neste enlace que Han (:31) posiciona o turista de camisa havaiana, *i.e.*, o turista hipercultural, que, ao se desfazer no ambiente do hiperespaço de opções, carece de autenticidade.

Em “*Fusion Food*”, Han destaca a assimetria entre as “diferenças” da natureza e da cultura e os “dialetos” da globalização. Para o ele, “é problemática a ideia de uma diversidade cultural orientada pela proteção de espécies que só poderia ser alcançada por cercados artificiais” (:33). Com isso, ataca a lógica de expansão cultural global a partir da “McDonaldização da sociedade”, em suma, da racionalização hipercultural. Ataca, ademais, a noção de “unificação do gosto”, fenômeno que se perceberia caso o hipercultura superasse o cultural e implementasse a “monotonia do idêntico” (:37). Han retoma Herder e Hegel em “Cultura híbrida”, cujo bojo é o predomínio da hibrididade na formação cultural. O espírito de Hegel é, em si, híbrido; vivo e morto ao mesmo tempo. O ambiente de passagem fomentado pela excitação do espírito é o responsável pela criação do híbrido e da cultura, e da própria identidade, pois “a identidade agradece a ocorrência da diferença” (:44). Ocorre que, para Han, essa hibrididade dialética não explica a hiperculturalidade atual, já que a vida atual trafega em vias muito amplas, incompatíveis com a via de mão dupla da hibrididade. O próprio poder já não é questionado de modo binário como antes, mas difundido em potencial estético que, ao se espalhar pela rede cultural, “promete mais liberdade” (:50).

Em “Hifenização da cultura”, Han rejeita a dialética antagônica de Bhabha, insuficiente na explicação do caráter justaposto da rede hipercultural atual. Ao invés disso, adere à ideia de rizoma, de Deleuze e Guattari, que, como um mapa, “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE e GUATTARI, 2011: 30). É este constante devir rizomático que, para Han, acomoda uma hipercultura, de estruturas subculturais e culturais, dominantes num momento; dispersas, noutra. Este ambiente carece de antagonismo, sendo mais amigável que a contradição gerada pela dialética (:56). Seguindo à “Era da comparação”, capítulo seguinte, Han retoma a discussão à roda da possibilidade de superposição de culturas. No mundo em rede, onde as concepções de mundo estão justapostas, orientar-se a partir de uma hierarquia de valor seria quase inevitável. Ainda assim, Han indaga se o futuro hipercultural estaria reservado a formas “superiores” de cultura, ou, ao contrário, tratar-se-ia de “uma era que não seria dominada pela economia da seleção, mas pela ‘lógica do E’?” (:63).

Em “Desaurificação da cultura”, Han reter-se-á, novamente, na relação entre desejo de aproximação e ruptura do ser cultural. Seguindo o que entende Benjamin sobre a ideia de áurea, Han diz tratar-se de “o brilho, a emissão de um ‘aqui e agora’ particular, que não é reproduzível *ali*” (:66). Dar-se-ia o seu declínio pelo desejo contemporâneo de aproximação das coisas. É essa ausência do local que caracteriza a globalização e a hipercultura; é a “hiper-realidade” da rede que faz erodir o lugar. Paradoxalmente, a proliferação hiper-real de lugares desencadeia a impossibilidade do lugar (:69). É em “O peregrino e o turista” que Han melhor ilustra a noção prologal do turista de camisa havaiana. “À experiência do peregrino pertence necessariamente o ser-estrangeiro nesse mundo.” (:74). Ele caminha, sem segurança, rumo ao desconhecido. Assim, não é da concepção do turista atual o conceito de viagem do peregrino, pois aquele se desloca em um local pré-programado, simétrico, hipercultural. Sem ambição de chegar a algum lugar, o

turista é um “ser-aqui”. Para Han, o turista de camisa havaiana “não abre mão da figura do estar em casa” (:56).

“Windows e mônadas” é um capítulo o qual Han contrapõe o conceito de janelas, ou *windowing*, de Ted Nelson, à ideia de “mônadas” de Leibniz. O *windowing* é um modo hipertextual de comunicação, cujas possibilidades de escolhas se abrem incessantes frente ao observador. Já a “monadologia” não é espelhada, tampouco devassada para o mundo. A mônada é cerrada em si e comunica-se com o exterior através de um intermediário, “um deus”. Seria necessário também às janelas, que ao mesmo tempo expõem e protegem, “apelas para *deus*?” (:86). Em “Odradek”, Han faz menção ao caráter híbrido da obra de Kafka. Por exemplo, o personagem em epígrafe nunca se expõe plenamente. No seu “sem sentido”, complementa-se. Não respeita os limites da “casa” e muda-se constantemente, mas sempre retorna. Não tem um lugar fixo ou uma identidade definida, e por isso é tratado como uma criança. Assim, “nenhuma teologia domina sua identidade” (:89). Neste sentido, Odradek difere-se primordialmente do turista de camisa havaiana, pois sempre acaba por regressar à casa.

O capítulo “Identidade hipercultural”, mesmo sendo um dos mais curtos da obra, é rico em complexidade. Voltando ao que Han entende pelo conceito de tempo atualmente, seria este revestido de certa “nudez” desprovida de narrativa. É essa crise horizontal de narrativas que permite uma nova “práxis da liberdade”, e, num sem-fim de “janelas”, um *self* colorido (: 94). Todavia, Han é cético quanto à reciprocidade entre pluralidade e vivacidade. Ao revés, o modo “aditivo” da hipercultura geraria uma individualização crescente, que nem sempre se revelará produtiva. O capítulo “Inter, multi e transculturalidade” inicia-se com um contraste entre o Ocidente com o Oriente no âmbito das peculiaridades de suas culturas. Tratando-se do cenário hipercultural, Han vê certa facilidade de assimilação por parte do Oriente, menos afeito à subjetividade, e mais disposto ao “hiper” devido às suas superior permeabilidade e inferior interioridade. O “trans” e o “inter” então mais próximos ao Ocidente, como se nota na reflexão sobre o que viriam a ser o colonialismo ou o nacionalismo, já que, “filosoficamente, pressupõem uma essencialização da cultura” (:97). Já no Oriente, o ser humano é visto mais como uma “relação”, menos como uma “pessoa”. Não mergulhado historicamente no conceito de colonização, seria mais fácil para o Oriente adaptar-se, conforme entende Beck, à “poligamia do lugar” (:101), à hiperculturalidade condensada e acumulativa que caracteriza a globalização.

Han é enfático, em “Apropriação”, ao distinguir este conceito da exploração colonial. Neste, a total aniquilação faz-se necessária; já na apropriação, não se percebe uma forma imprescindível de violência. Antes disso, trata-se de um processo de transformação, pois “quem se apropria do outro não fica igual” (: 108). O sujeito hipercultural, devassado e ávido pelo “novo”, elege a curiosidade em detrimento da fobia. Retomando a dicotomia Ocidente-Oriente, o oriental, como carece, em maior grau, de interioridade ou de “alma”, não vê na cultura de consumo atual uma abundância do exterior. Segundo Han, “o ‘interior’ seria, ao contrário, um efeito do ‘exterior’” (:109). “À longa paz” é um capítulo de diálogo incessante com dois grandes filósofos ocidentais, Kant e Nietzsche, sendo o foco da abordagem a contradição inerente à miscigenação de culturas em hipercultura. Kant não via naturalidade no “estado de paz”, sendo, em contrapartida, natural,

o “estado de guerra”². Pare ele, a fusão de nações levaria ao despotismo. *A contrario sensu*, diz que o espírito mercantilista levaria à “paz perpétua”. Han sinaliza haver um paradoxo no pensamento de Kant, já que este provavelmente “não aprovaria, a saber, a mistura de raças, religiões e línguas” (: 115), consequência lógica à expansão mercantilista. Nietzsche, como Kant, também indicou a possibilidade de surgimento de uma raça mista a partir do comércio, o que elogiava inicialmente. Contudo, após, criticou a mistura de culturas, tachando-a como um “sombreamento do mundo” (:118).

“Cultura da bondade” é um capítulo que vem a tratar da positividade do ambiente hipercultural e da justaposição expansiva que a rede proporciona. O multicultural atual caracteriza-se pela gentileza, tornando o “diferente habitável” (: 125), que tende a ser mais adequado que a tolerância, a ironia e a cortesia que caracterizaram a Era Moderna. “*Hiperlog*”, outro capítulo sucinto, correlaciona o mar temido do passado à rede digital navegável (*World Wide Web*) do presente. O navegante e o *user* diferem-se pelo modo de agir: enquanto o viajante marítimo teme o mar, o desconhecido; o turista atual entende a rede como um espaço de consumo, pelo qual “surfa” alheio a formas mais tradicionais de aventura.

“Andarilho” revolve a Nietzsche, tratando do que este entende por este termo, que seria o sujeito errante, alegre com a mudança e que aprecia vagarosamente o caminho enquanto o “des-teologiza”, isto é, enquanto conquista uma nova liberdade. Ao turista atual, seu antagônico, faltaria a observação vagarosa feita pelo andarilho, substituída, agora, por uma forma de “ser-aqui” hipercultural (: 133). “Soleira”, capítulo derradeiro da obra, questiona sobre a possibilidade de o homem do futuro, fluido feito o turista de camisa havaiana, continuar sendo, como a soleira de Heidegger, a “viga fundamental, (...) que resguarda o interior da casa” (:145), dada a realidade hipercultural atual.

Hiperculturalidade: cultura e globalização é uma obra, ainda que curta, rica em conteúdo e reflexões. Quiçá pelo fato de o próprio Han ser um estrangeiro lecionando na Europa, o seu olhar tenha se apurado a ponto de perceber as nuances atinentes não só à Cultura Ocidental, mas também as correlações desta no alargamento oriundo da globalização e da profusão de novas formas de significação do mundo.

Recebido em 26 de maio de 2021.

Aprovado em 30 de setembro de 2021.

² Com um enfoque político, também é assim que entende Hobbes, outro fundador do pensamento ocidental moderno, quando se refere à “guerra de todos os homens contra todos os homens” e a propensão natural do Homem de viver em guerra na ausência de um poder que possa garantir a paz (HOBBS, 2019: 109).

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2019.